

## Visualidade urbana: as fotografias e os relatos de passado do guardião de memórias de Guarapuava (1930)

### Urban visuality: the photographs and the narratives of the memory guardian of Guarapuava (1930)

Fernanda Motter, fernandamotter1@hotmail.com  
Éverly Pegoraro

Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Guarapuava, Paraná

Submetido em 18/06/2015

Revisado em 28/08/2015

Aprovado em 19/04/2016

**Resumo:** A fotografia faz parte do conjunto de elementos que integram uma construção e legitimação de visualidade de época. A temática central desta pesquisa concentra-se na construção da memória visual de Guarapuava, cidade na região centro-sul do Paraná, na década de 1930. Por meio de fotografias e relatos de um dos “guardiões da memória” locais, objetiva-se analisar como a fotografia pode ser instrumento para a produção de sentidos. Verificou-se, portanto, que a fotografia é um grande agente na preservação da memória, e na construção visual na cidade de Guarapuava na década de 1930.

**Palavras chave:** Fotografia. Memória. Guarapuava. Visualidade.

**Abstract:** The photography is part from the set of elements which are part of a whole construction and legitimation of an epoch. The main subject of this research is the elaboration of a visual memory of Guarapuava, a city in the south center of Paraná State, in the 1930's. Through photographs and narratives of one of the local “memory guardian”, we intent to analyze how the photography is a significant agent in the preservation of the memory and in the visual representation in Guarapuava, in the 1930's.

**Keywords:** Photography. Memory. Guarapuava. Visuality.

## Introdução

A fotografia se fixou tanto na construção da visualidade na sociedade ocidental, que quando se fala em memória e passado, é quase impossível não pensar e não se lembrar dela. O ato de fotografar possibilita a construção visual do passado e, nessa operação, a figura do guardião de memória ganha um papel imprescindível, segundo Mauad (2004). Esse personagem, além de organizar as fotografias nos álbuns, ou apenas guardá-las em caixas, é um detentor de várias histórias que auxiliarão a compor a narrativa fotográfica daquelas imagens.

O ato de fotografar ou ser fotografado tornou-se, aos olhos de Mauad (2004), vestígio de um real, ou seja, as pessoas buscam compreender o passado analisando fotografias. Este é o discurso do índice e da referência, em que o realismo fotográfico ultrapassa os processos de desconstrução discursivos, retomando, em outro nível, a questão do referente, ou ainda, da materialidade da imagem fotográfica. O ponto de partida é, segundo a autora, compreender a natureza técnica do ato fotográfico, a sua característica de marca luminosa, daí a ideia de indício, de resíduo da realidade sensível impressa na imagem fotográfica. “Em virtude deste princípio, a fotografia é considerada como um testemunho: atesta a existência de uma realidade.” (MAUAD, 2004. p, 28)

O objetivo deste estudo foi fazer uma leitura de época por meio de fotografias cedidas por guarapuavanos da década de 1930. Para isso, foi analisado como os retratos das famílias de Guarapuava (PR) contribuíram para a construção visual da cidade, legitimando representações e memórias de época. Afinal, a fotografia é mediadora de relações sociais e contribui para a conformação de valores e comportamentos, para a acomodação de visões de mundo. A pesquisa teve como recorte cronológico a década de 1930, um período no qual Guarapuava passava por estruturações em diversos campos e tornou-se ponto estratégico no caminho de tropeiros.

No início do século XX, a prática fotográfica era um *hobby* caro de uma classe ascendente, por isso, restrita às famílias com poder aquisitivo suficiente para sustentar a compra de equipamentos, filmes, revelações ou contratar os fotógrafos profissionais. Em Guarapuava, a situação não era diferente. Essa era uma época ainda marcada pelas sequelas da Crise de 1929 e que vivia as

consequências da Revolução de 1930, a qual contou com o apoio e a participação de representantes da classe dirigente do Paraná (OLIVEIRA, 2004). Tradicionalmente com características agropecuárias, o município de Guarapuava procurava ser reconhecido como polo econômico diante do Estado e do país. Portanto, as tradicionais famílias guarapuavanas procuravam legitimar-se socialmente (além de perpetuar-se), através do registro fotográfico.

Como caminho metodológico seguido nesta pesquisa, foram utilizadas entrevistas com um dos “guardiões da memória” de Guarapuava, seguindo os preceitos da história oral. Segundo Duarte (2008), a entrevista é a técnica que desfruta de maior profundidade em assuntos abordados. Ela não permite apenas testar hipóteses, dar tratamento estatístico às informações, definir a amplitude ou a quantidade de um acontecimento. Objetiva-se, principalmente, saber como as experiências são percebidas pelos entrevistados.

A análise das fotografias apresentadas e narradas pelo guardião de memórias escolhido se deu por meio da proposta histórico-semiótica de Mauad (2004). As relações entre fotografia e memória embasam conceitualmente o estudo, buscando também compreender e conhecer a história, as tradições e os costumes de Guarapuava na década de 1930.

### **O passado no presente fotográfico**

Na provinciana Guarapuava de 1930, as pessoas já costumavam armazenar fotografias de famílias, casamentos, celebrações religiosas, eventos importantes para a sociedade local. E a prática de guardar tais fotografias como relíquias visuais preciosas não fica restrita às famílias. Além da atividade privada, em cada sociedade há os “guardiões da memória”, indivíduos que se dedicam a mapear, colecionar e preservar registros memoráveis do coletivo também. Eles organizam narrativas históricas e, dessa forma, auxiliam a construir a memória das temáticas que mais lhes agradam. Geralmente, suas atividades fogem ao âmbito das memórias institucionalizadas.

Em Guarapuava, um peculiar guardião da memória chama-se Josuel de Freitas<sup>1</sup>. Seu Tuto, como é conhecido na cidade, preserva e dissemina uma parte da memória cultural e histórica, herdada através do hábito dos pais dele de colecionar fotografias. Ele dispõe de um acervo fotográfico em sua casa, local este aberto a todas as pessoas que desejam conhecer as fotografias que fazem parte da sua história e da cidade. Além disso, comumente é chamado para conversas e palestras sobre experiências próprias e relatos de Guarapuava.

O gosto pela história familiar e da cidade, bem como importância que delega ao ato de preservar artefatos históricos, devem-se em muito à própria história de Seu Tuto. Ele é descendente de escravos. Seu avô paterno trabalhou em Guarapuava, nas grandes fazendas. Este é um dos motivos que levaram Tuto a armazenar e tecer memórias acionadas pelas fotografias de sua coleção.

Meus pais são guarapuavanos e eu também nasci aqui. E me orgulho muito disso. Meu avô paterno foi trazido até a região para trabalhar como escravo. [...]Guarapuava era uma cidade de muitas fazendas, o que demandava muita mão de obra. A arte de colecionar fotografias eu herdei com o meu pai, pois desde que nasci ele já adquiria fotografias, então eu cresci em contato com elas e passei a fazer o mesmo trabalho. Além de um grande acervo deixado por meu pai, passei a procurar cada vez mais. Muitas vezes, emprestei imagens para fazer cópias para poder ter aquela fotografia no meu acervo. Outras, as pessoas que não tinham interesse de armazenar fotos traziam até mim para que eu preservasse as mesmas, isso faz parte da identidade de todo o colecionador, (FREITAS, 2014).

Para Mauad (2004), a memória tem papel específico na coesão social da família que, ao definir o que é comum ao grupo e o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais. Geralmente tal coesão é realizada pela adesão do grupo a uma comunidade afetiva, criada através de um processo de conciliação entre memória individual e coletiva, alcançada através da preservação de

---

<sup>1</sup>Entrevista concedida às autoras em 08 out. 14, em Guarapuava, Paraná.

determinadas lembranças narradas de geração em geração, de objetos preciosos ao grupo, como as fotografias familiares.

A base comum das memórias individuais é consubstanciada por uma compreensão comum dos símbolos e significados, transmitidos pelos objetos de memória e pelas noções de comunhão que os membros do grupo familiar compartilham ao se reconhecerem em tradições e valores socialmente aceitos como válidos. (MAUAD, 2004, p. 58).

De acordo com a autora, a memória possibilita a reconstrução de narrativas individuais a partir de um enquadramento coletivo, guardando os determinantes temporais e espaciais como elemento fundamental em tal processo. É isso que Seu Tuto faz com as narrativas construídas a partir da produção de sentidos que as imagens preservadas por ele propiciam.

Tenho um acervo particular, porém, está aberto a qualquer pessoa que tenha interesse em conhecer. Além das fotografias, muitos documentos e objetos antigos eu procuro preservar. Isso faz com que Guarapuava não seja esquecida, pelo contrário, o acesso às novas gerações que queiram conhecer um pouco da história de Guarapuava e a trajetória dos negros nesta região tenha acesso a mais informações. (FREITAS, 2014)<sup>2</sup>.

O agenciamento efetuado pelos guardiões da memória é um aspecto fundamental que faz parte da trajetória das imagens. Segundo Mauad (2004), isso está relacionado ao processo social que envolve a trajetória das imagens como artefatos, tais como coisas que são guardadas, distribuídas, manuseadas, arquivadas e destruídas. A biografia das imagens e sua vida social importam, pois implicam relações sociais diferenciadas. Uma fotografia de determinado local possui uma trajetória cujas histórias revelam experiências sociais só esclarecidas pelo estudo das condições de seu agenciamento pelos guardiões de memória, pelos colecionadores, pelas instituições e pelos diferentes sujeitos sociais que operam sobre essa imagem. Tal dimensão supera em grande escala, a compreensão da imagem fotográfica como texto e a concebe como materialização de uma prática social. Devido a estas ações que os guardiões de memória desenvolvem e atribuem significados às imagens e ao próprio ato de

---

<sup>2</sup>Entrevista concedida a autora em 08 de outubro de 2014.

fotografar, a fotografia é concebida como a materialização de uma prática social, que produz e visualiza imaginários de época. Dessa forma, álbuns e coleções de fotografias se tornam objetos que servem para acionar a memória através dos sentidos que integram suas superfícies, propiciando visualizações de poses e trajetos, crônicas familiares apreendidas no decorrer de muitas vidas e tradições, que são transmitidas por gerações. Para Mauad (2004), portanto, a fotografia desempenha uma função simbólica de legitimação, pois é preciso entender as entrelinhas, como as fotografias que têm poses e são bem arranjadas, comuns nas encenações fotográficas familiares.

Leite (2001) aponta que a história da fotografia implica o ângulo de quem observa, analisa e tenta compor fotografias que já existem.

A fotografia permitiu que quase toda a gente – não só os mais abastados – pudesse se transformar num objeto-imagem, ou numa série sucessiva de imagens que mantêm presentes momentos sucessivos da vida, ou ter presente a memória. No caso das fotos de família, a tentativa é aprender a ler o conteúdo manifesto e o conteúdo latente das fotografias e descobrir meios de transmitir essa aprendizagem. (LEITE, 2001, p.75).

A memória não é inerte, mas é o resultado do investimento das sociedades humanas, fazendo com que as pessoas não caiam no esquecimento. Portanto, as fotografias conformam quadros de visualidade que, acionados pelo trabalho da memória, também servem para fazer lembrar (MAUAD, 2004). A fotografia, por sua vez, faz parte de um processo de legitimação e reafirmação da veracidade dos fatos. Além disso, contribui para a conformação de um imaginário e para a reconstrução da memória da Guarapuava de 1930. Segundo Le Goff (apud Mauad, 2004), é partindo dessa premissa que a fotografia não é apenas um documento, mas também um monumento e, como toda fonte histórica, deve ser passível dos processos de críticas.

### **Fotografia: a memória construída para ser mostrada**

Para este estudo, alguns critérios foram levados em consideração na seleção das imagens. Além do recorte cronológico na década de 1930, delimitou-

se àquelas que tratassem da contextualização de Guarapuava naquela mesma década. A temática principal concentra-se na construção da visualidade urbana. Para isso, procurou-se ressaltar aspectos da história, das tradições e dos costumes de Guarapuava, intencionalmente (ou não) fixados na superfície das fotografias selecionadas.

### Fotografia 1 – Viagem para trocas comerciais



Fotografia que retrata a ida de guarapuavanos até Paranaguá para a realização de trocas comerciais em 1937 (sem indicação de dia e mês). Não há identificação de quem fotografou. Fonte: arquivo pessoal de Josuel de Freitas S/d.

As viagens demoravam em média quatro meses entre ir e voltar para a cidade. Esta fotografia faz parte da coleção de Bento José Freitas, pai de Josuel de Freitas, o guardião de memórias entrevistado nesta pesquisa. As trocas comerciais foram de fundamental importância para a cidade naquele período. Tais operações comerciais geralmente ocorriam com as cidades de maior porte do estado, como Curitiba, Paranaguá e Ponta Grossa.

Segundo Marcondes (1998), foi através da mão-de-obra escrava que se abriu a estrada de Missões, que ligou o Rio Grande do Sul à feira de Sorocaba (SP), passando por Guarapuava. A descoberta dos novos campos e a abertura

dessas vias permitiu que o município participasse ativamente da fase do tropeirismo sulino, tornando-se uma das mais prósperas regiões do Paraná. O tropeirismo foi uma das atividades econômicas de sustentação do comércio local e da própria identidade regional.

### Fotografia 2 – Desfile do exército em Guarapuava



Imagem da rua XV de Novembro, que corta o centro de Guarapuava. Fotografia do dia 07 de setembro de 1939, data em que se realizou o desfile do exército. Sem identificação de autoria, esta é mais uma das fotografias adquiridas pelo pai de Freitas. A imagem destaca o público que compareceu à apresentação, enfatizando a presença constante e a importância que a população local delegava à presença militar no município. Fonte: Arquivo pessoal de Josuel de Freitas.

O contexto urbano de Guarapuava nesse período era limitado e grande parte da população era fundamentalmente rural. A cidade, que alavancou seu crescimento graças ao gado concentrado em grandes fazendas, possibilitou renda para muitas famílias de Guarapuava e imigrantes de diversas regiões.

O tropeirismo foi de extrema importância para a cidade, alterando-lhe a forma física, as relações sociais, econômicas e culturais. Segundo Raquel Dalla Vecchia, houve um grande impulso para a geração interna de renda e a formação de riquezas, estimulando o cenário sócio-econômico e político local (2000, p.235). Comprovou-se por conta disso, que a economia foi revitalizada após muito tempo de estagnação em função da

precariedade dos meios de transporte e comunicação com grandes centros de consumo e produção. Nesse processo, o fazendeiro, que passou a ser simultaneamente um tropeiro, representava a classe dominante, concentradora do poder econômico e político. (SILVA, 2008, p.26).

### Fotografia 3- Cavalhadas em Guarapuava



Imagem da Praça 09 de Dezembro, localizada na rua XV de Novembro, no centro de Guarapuava. A fotografia apresenta, sem identificação de autor, as Cavalhadas no ano de 1938, realizadas no pátio da praça, que hoje dá lugar a Praça da Catedral N. Sr<sup>a</sup> de Belém. Esta imagem também faz parte do acervo construído pelo pai de Freitas. Fonte: Arquivo pessoal de Josuel de Freitas.

Seu Tuto lembra que as Cavalhadas – comumente conhecidas como as competições entre Moros e Cristãos, em equipes que se enfrentavam como *hobby* – atraíam enorme interesse da sociedade, tanto por parte dos competidores, como também das pessoas que prestigiavam e torciam para qualquer um dos grupos.

Segundo Schipanski (2009), as cavalhadas constituíram-se como uma das atividades festivas utilizadas pelas autoridades coloniais que se perpetuaram como tradição. Quando os portugueses desembarcaram nas terras da América, trouxeram consigo tudo o que representava a sua cultura, tais como religião, moral, tradições, costumes, hábitos, profissões, animais, plantas, sementes, hierarquia militar e sua disciplina, exercícios físicos e atividades

recreativas. Portanto, a as Cavalhadas fizeram parte de uma caracterização do ambiente com costumes oriundos da cultura portuguesa.

E é no aspecto abordado por Leite (2001) que a fotografia funciona como um dos instrumentos de memorização, preservação cultural e produção de sentidos. As cavalhadas retratadas na imagem acima valorizam aspectos da cultura local. A autora aponta em suas reflexões que as fotografias exigem um estudo comparativo de sistemas e significados das mediações entre a existência que se quer compreender com a imagem desta realidade.

A leitura da mensagem visual depende simultaneamente de uma compreensão global de uma análise de pormenores. Mesmo sem levar em conta todos os detalhes, é possível chegar ao sentido global, ainda que com alteração de articulações parciais de seus elementos. Contudo, elementos isolados podem não ter significado. Em alguns casos, somente suas combinações poderão ser ligadas de diversas maneiras. O significado da imagem pode depender da identificação de processos diferenciados de interpretação, relativos aos níveis, que se atinja no conteúdo latente. A fruição e a reflexão são práticas simultâneas no processo de leitura da comunicação não-verbal e trazem para o processo não apenas o conteúdo explícito da imagem, mas a formação cultural e intelectual do leitor. (LEITE, 2001, p.158).

Portanto, o significado de uma comunicação não-verbal de comportamento expressivo pode ser revelado pela relação entre os padrões que podem ser observados pelo mundo exterior, e os padrões não-observáveis da mente do observador. Esta relação é extremamente variável e dá origem a conceitos concretos, quando partem de fatos do mundo exterior, e de conceitos abstratos, quando gerados em processos mentais.

#### **Fotografia 4 – Hotel Souza**



Retrato do Hotel Souza, localizado no centro da cidade, em 1939. Um dos pontos de parada das pessoas que passavam por Guarapuava. Muitas delas foram tropeiros, já que a cidade foi um ponto de passagem, vindo do Rio Grande do Sul com destino a São Paulo. A imagem faz parte do arquivo de Freitas e foi adquirida pelo pai do mesmo, sem a identificação de quem fotografou e quem são as pessoas apresentadas. Fonte: Arquivo pessoal de Josuel de Freitas

Na imagem que retrata o Hotel Souza, há homens fardados, crianças, mulheres, insinuando que o estabelecimento é uma “grande família”, composta pelos hóspedes (muito regulares) e proprietários com seus familiares. Mais uma vez, nesta imagem, assim como nas outras apresentadas, há retratados que são homens fardados (ou representantes da lei e da ordem). Devido a localização geográfica, Guarapuava era ponto de parada de viajantes, comerciantes e pessoas que seguiam do interior do Estado para a capital paranaense.

Considerando as imagens de Guarapuava pelo viés conceitual apresentado por Mauad (2004), as fotografias e suas histórias integram quadros de memória em diferentes momentos do século XX. Portanto, cria-se uma visualidade de Guarapuava, em que a capacidade cognitiva das imagens fotográficas associa visão, informação e imaginação. Nessa perspectiva, aliam-se memórias e narrativas pessoais e coletivas às fotografias.

Segundo Leite (2001), os retratos estão fundamentalmente ligados aos ritos de passagem, que por sua vez marcam uma mudança de situação ou troca de categoria social, pois são tirados em momentos especiais da vida das

peças. Os rituais mais diversos passaram a introduzir a fotografia como um agente da memória e, com isso, ela passa a ser peça fundamental para compreender a formação da visualidade do espaço urbano.

### **Considerações Finais**

Segundo relatos de Seu Tuto, das descrições fotográficas apresentadas e da pesquisa bibliográfica, foram os tropeiros, oriundos do Rio Grande do Sul, que estrategicamente passaram por Guarapuava e a tornaram em rota comercial, alavancando a economia da região, marcando costumes e auxiliando a delinear a identidade local. As trocas comerciais que aconteciam com municípios de grande porte, os eventos culturais, como as cavalhadas, e a crescente atividade com o gado foram o que alavancaram o crescimento do comércio da cidade e propiciavam momentos de sociabilidade na década de 1930 em Guarapuava.

Em meados de 1930, um acentuado desenvolvimento na pecuária, além da extração da erva-mate, atraiu muitas pessoas, o que permitiu a inserção do comércio de gado junto à feira de Sorocaba (SP). Foi desta forma então, que se consolidou uma sociedade campeira local, com costumes e práticas culturais evidenciadas nas imagens, como as cavalhadas, por exemplo, além da repetição do mesmo estilo de vida patriarcal e latifundiário, vinculado à pecuária extensiva, ao braço escravo e ao trabalho familiar (SILVA, 2008).

A figura do guardião de memória é fundamental para a preservação de fotografias, bem como de narrativas populares sobre histórias e costumes locais, principalmente desvinculados de fontes oficiais e legitimadoras de discursos de grupos da elite, muitas vezes. Por isso, uma parte da história de Guarapuava é contada através do Seu Tuto, o peculiar guardião de memórias selecionado neste artigo.

De acordo com Leite (2001), o agente de memória é fundamental para a descrição verbal de imagens. Além disso, Mauad (2004) ressalta que a fotografia não é apenas uma exposição visual, já que a mesma altera a imaginação e a informação nela contida. A função simbólica de legitimação que a fotografia traz

contribui para a atestação da veracidade de fatos e costumes. Mas, para que isso aconteça, a análise da produção de sentidos, principalmente em fotografias com arranjos e poses, é fundamental.

Grande parte das fotografias que tenho hoje, foram conseguidas através de meu pai, um grande colecionador de histórias. Quero continuar propagando o que de mais valioso Guarapuava tem: sua memória. E espero que minhas futuras gerações continuem este trabalho, para que nada se perca. (FREITAS, 2014).

### Referências

- DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação Social*. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- FRAGA, Maurício. *Crônicas da alta sociedade: Discursos, representações e cotidiano nas colunas sociais do jornal Folha do Oeste*. Guarapuava, PR, 1959-1964. Assis, SP: 2011. Dissertação (Mestrado em História). UNESP.
- LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de Família: Leitura da Fotografia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- MARCCONDES, Gracita Gruber. *Guarapuava: história de luta e trabalho*. Guarapuava: UNICENTRO, 1998. 202 p.
- MAUAD, Ana Maria, *Poses e Flagrantes: ensaios sobre história e fotografias*. Niterói: Editora da UFF, 2008.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História oral*. São Paulo: editora Loyola, 1996.
- SILVA, Walderez Pohl Da. *Entre Lustosa e João Planalto. A arte política na cidade de Guarapuava (1930-1970)*- Niterói: Editora da UFF, 2008.
- SCHIPANSKI, Carlos Eduardo. *Cavalcadas de Guarapuava: história e morfologia de uma festa campeira (1899-1999)*. Niterói, RJ: 2009. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense.